



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

Editora

Maria do Sameiro Barroso

NOTA EDITORIAL

O ano termina bem para o Núcleo de História da Medicina. Nos dois seminários de Novembro esgotámos a lotação das salas. As grandes figuras da nossa Medicina e as colecções museológicas parece que, definitivamente, todos fascinam. Médicos e não médicos acorreram, com grande entusiasmo, aos nossos seminários. Em todos os tempos, a medicina integra os anseios humanos mais profundos. Por isso, não é de admirar o fascínio que testemunhámos. No próximo ano, vamos continuar com projectos de maior fôlego que, oportunamente, divulgaremos.

Vamos dando os primeiros passos, lentos mas sólidos, na organização do 46º Congresso da ISHM, noticiado na Winter Newsletter da ISHM. Temos uma página no facebook, que convidamos todos a visitar e aderir.

A todos desejamos uma Feliz Quadra Natalícia e um excelente ano de 2017.

Lembramos que qualquer membro do Núcleo pode propor eventos. Os médicos que queiram fazer parte do Núcleo devem enviar-nos o nome, número de cédula profissional, endereço electrónico e um contacto telefónico.

Os profissionais de outras áreas que se interessem pela História da Medicina e desejem fazer parte da nossa lista de amigos ou simpatizantes, devem enviar-nos o nome, profissão, endereço electrónico e contacto telefónico.

Lembramos aos colegas e às entidades com as quais temos parcerias, que caso pretendam a divulgação das suas actividades, enviem as respectivas informações. Agradecemos aos conferencistas das nossas sessões que enviem os resumos atempadamente para publicação no Boletim e na Revista da Ordem dos Médicos. Caso pretendam, podem enviar os textos integrais para publicação no nosso site. Os membros do Núcleo de História da Medicina podem enviar notícias e resumos e trabalhos com vista à sua publicação no Boletim Informativo e no site da O.M.

Toda a correspondência deve ser enviada para nhmom@omcne.pt

Apelamos à vossa participação e presença nas nossas conferências e iniciativas.



Caso não deseje receber a nossa informação, agradecemos que nos comunique para nhmom@omcne.pt



ACTIVIDADES DO NHMOM

SEMINÁRIO “PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA: ESTUDOS DO ESPÓLIO MÉDICO”

Decorreu no dia 5 de Novembro, na Sala de Actos do Palácio Nacional de Mafra, o Seminário “Palácio Nacional de Mafra: Estudos do espólio médico”, numa iniciativa do Núcleo de História da Medicina e do Palácio Nacional de Mafra que teve o apoio da Junta de Freguesia de Mafra. O Dr. Mário Pereira, Director do Palácio Nacional e Mafra e a Dr.ª Teresa Amaral, Directora da Biblioteca, salientaram, na abertura, o enriquecimento que este tipo de estudos, levados a cabo por especialistas, adiciona ao acervo museológico e iconográfico do Palácio Nacional de Mafra, e expressaram o seu vivo interesse na continuação destes estudos.

O Seminário reuniu sete autores médicos. Os temas escolhidos envolveram várias áreas. O nosso ex- Bastonário, Germano de Sousa, abordou a enfermaria, integrando estudos de outros estabelecimentos hospitalares portugueses. Aparício Fernandes complementou este tema, à luz do estudo das enfermarias monásticas medievais europeias. Joaquim Figueiredo Lima escolheu instrumentos da botica, tendo feito uma revisão do uso dos clisteres. Os restantes autores, José Filipe Moreira Braga, João Alcindo Martins e Silva, João Carlos Fortuna Campos e Maria do Sameiro Barroso escolheram livros do vasto espólio da Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra, versando temas de medicina, cirurgia e farmácia.

O evento decorreu na Sala de Actos do Palácio Nacional de Mafra, tendo excedido a lotação inicial, prevista para cinquenta pessoas, atingiu cerca de setenta. Não temos dúvidas do interesse que a iniciativa despertou, tanto por parte dos organizadores, como por parte dos palestrantes e do público, de diversas áreas, que ocorreu, excedendo as expectativas de todos.

O Jornal de Mafra deu a notícia, tendo feito uma reportagem que pode ser consultada através do link <http://jornaldemafra.pt/palacio-de-mafra-seminario-estudos-do-espolio-medico-do-convento/>

Foi editado, em versão digital e em versão impressa, um Número Especial do Boletim com os resumos das conferências que se encontra disponível no nosso site.

Ao Jornal de Mafra agradecemos a gentil cedência das fotografias.

BOLETIM

Informativo

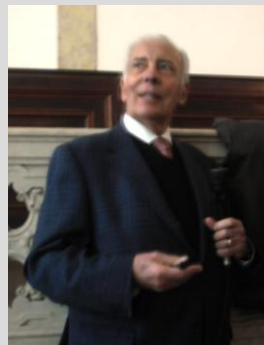
Nº 21
NOVEMBRO
2016



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

IMAGENS DO SEMINÁRIO





NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

SEMINÁRIO

“O MUSEU DE ANESTESIOLOGIA DO DR. AVELINO ESPINHEIRA: ESTUDOS E TESTEMUNHOS”

Decorreu, no dia 26 de Novembro, às 14:30, na Biblioteca Histórica da Ordem dos Médicos, em Lisboa, o Seminário “O Museu de Anestesiologia do Dr. Avelino Espinheira: Estudos e Testemunhos”, moderado por Joaquim J. Figueiredo Lima e com intervenções de Joaquim J. Figueiredo Lima, Eduarda Espinheira e Luís Pina. Embora inicialmente um maior número de palestrantes se tivesse previsto, a Biblioteca Histórica da Ordem dos Médicos encheu-se para ouvir falar do Dr. Avelino Espinheira e da sua colecção.

O seminário reuniu duas vertentes: a homenagem a uma figura notável da nossa Medicina que incluiu a apresentação do homem, do médico, do cientista e a divulgação do seu riquíssimo legado, único na Europa, mas desconhecido de muitos que com ele trabalharam e privaram. O Seminário foi completado com testemunhos familiares da filha, Eduarda Espinheira e do genro, Luís Pina.

Na sala, repleta de antigos colegas e de pessoas de outras áreas, ficou claro que é fundamental conhecermos e valorizarmos devidamente os que levaram mais longe a chama, a luz e o prestígio da nossa Medicina.





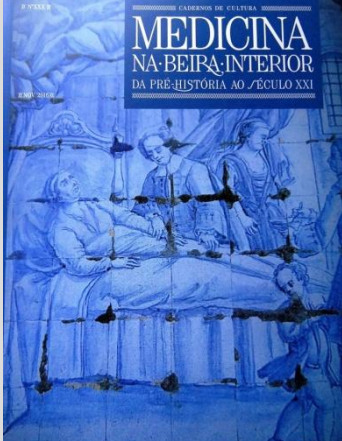
ACTIVIDADES DE MEMBROS DO NHMOM

XXVIII JORNADAS DE ESTUDO “MEDICINA NA BEIRA INTERIOR – DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉC. XXI

Castelo Branco, 11 e 12 de Novembro

Decorreram, nos dias 11 e 12 de Novembro, as XXVIII Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior – da pré-história ao séc. XXI, organizadas por António Salvado e António Lourenço Marques. Foi apresentada a Revista Nº XXX Nov. “2016 das Jornadas, dirigida por António Lourenço Marques, coordenada por Maria Adelaide Salvado.

É de salientar a vitalidade e a longevidade destes encontros de História da Medicina que reúnem anualmente investigadores de várias áreas numa rica troca de conhecimentos e saber. Participaram no encontro e colaboraram na revista membros do NHMOM. Publicamos, neste Boletim, resumos de comunicações apresentadas. Lembramos que o link para consulta das revistas se encontra acessível no nosso site.

<p>Cadernos de Cultura</p> <p>"Medicina na Beira Interior—da Pré-História ao séc. XXI"</p> <p>XXVIII JORNADAS DE ESTUDO</p> <p>AMATO LUSITANO</p> <p>Manter a chama viva - história e interpretação</p> <p>Outros temas com interesse para a história da medicina na Beira Interior</p> <p>11-12-2016</p> <p>Museu Francisco Tavares Proença Júnior</p> <p>Castelo Branco</p>	
--	--



João David Morais, ex-professor convidado da Universidade de Évora, ex-chefe de clínica do Hospital do Espírito Santo de Évora, apresentou, no dia 2 de Dezembro, a conferência “O “mal de Loanda” ou escorbuto no tráfico transatlântico de escravos” no Departamento de Ciências da Vida do Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS), em Coimbra.

É de salientar o interesse do tema abordado nesta conferência, também apresentada nas XXVIII Jornadas de História da Medicina da Beira Interior.



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

PRÓXIMAS ACTIVIDADES DO NHMOM

25 de Janeiro, quarta-feira, 2017
18-20h

Reynaldo dos Santos: uma personagem invulgar
1-O cirurgião e o investigador
2-O crítico e historiador de arte e o homem de cultura
António Barros Veloso

Biblioteca Histórica da Ordem dos Médicos, Lisboa

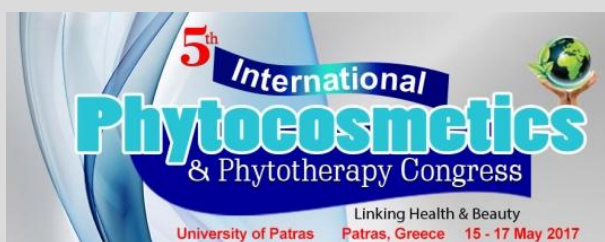
CALL FOR PAPERS

9-th ISHM Meeting

Health for all: Heritage across border and Culture

Beijing University, Beijing, 7-11 September, 2017

Conference website <http://ishm.chadanci.com/>
Website of the Chinese Society for the History of Medicine
<http://cshm.bjmu.edu.cn/>



Congress website

<http://www.phytoessence.org/IPPC2017/>



“A hecatombe da guerra: Impactos na saúde, demografia e pensamento contemporâneo (séculos XIX-XXI)”

19-20 de Junho de 2017

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Envio de propostas de conferências para
warandhealth@fcsb.pt até 15 de Fevereiro de 2017

Para mais informações consultar
<https://warandhealth.wordpress.com/>
<http://healthcaregreatwar.wordpress.com/>



RESUMOS DE COMUNICAÇÕES E CONFERÊNCIAS

“O MUSEU DE ANESTESIOLOGIA DR. AVELINO ESPINHEIRA: ESTUDOS E TESTEMUNHOS”

Joaquim J. Figueiredo Lima

O Dr. Avelino Fortes Espinheira (1921-2006) licenciou-se em Medicina, em 1948, pela Faculdade de Medicina de Lisboa. Desenvolveu a sua actividade profissional, após formação em Anestesiologia, nos Hospitais Cívicos de Lisboa. Integrou uma geração magnífica de médicos anestesiológicos que, em meados do século XX, introduziram profundas renovações na Anestesiologia portuguesa: emancipação da especialidade médica, participação nos primeiros Serviços de Anestesiologia, autónomos e com gestão e quadros próprios, dinamização de formação pedagógica e clínica e estímulos para a investigação científica.

Avelino Espinheira foi uma personagem carismático, que se impunha pelo respeito profissional que adquiriu, pela forma como sabia intervir nas reuniões técnicas e científicas em que participava e, sobretudo, pela atitude cultural que revelava no seio da classe! Foi eleito Presidente da Direção da Sociedade Portuguesa de Anestesia (1977-1980), numa fase em que esta estrutura adquiria extraordinária relevância na promoção de critérios pedagógicos da formação e divulgação científica da especialidade.

Ao longo dos anos, o Dr. Avelino Espinheira foi coleccionando peças e equipamentos utilizados em Anestesia, que lhe eram oferecidos ou por ele adquiridos. Deste modo, conseguiu reunir um volumoso e diversificado acervo. Trata-se de várias dezenas de peças utilizadas ao longo da História da Anestesia e de outras tantas dezenas de Documentos.

Este excelente património motivou a formação do Museu Português de Anestesiologia. Sediado no espaço da sua propriedade em Galamares (Sintra), o Museu foi inaugurado em 1996, com a devida pompa, na presença de personalidades sociais e políticas do país. Ruy de Oliveira pronunciou um longo discurso, no qual foi salientado o papel da Anestesia na sociedade e o papel cultural deste acervo museológico.

Por razões que ultrapassaram o criador, o Museu não assumiu a expectante relevância prevista pela comunidade! Vinte anos depois, por diligência da Família de Avelino Espinheira, foram assumidas iniciativas destinadas a salvar este Museu (que alguns consideraram ser dos mais relevantes da Europa!). O Museu da Saúde absorveu este espólio em Abril de 2016!

Este Seminário, promovido pelo Núcleo de História da Medicina da OM tem, portanto, dois objectivos fundamentais: homenagear este Homem de excepção e divulgar o Museu Português de Anestesiologia, agora integrante do Museu da Saúde.



TESTEMUNHO

Eduarda Espinheira



O nosso pai foi uma pessoa multifacetada e empenhada, que toda a vida lutou pelo profissionalismo e solidariedade, quer na sua vida pessoal como profissional.

Nascido em Espanha, veio ainda criança para Lisboa onde estudou e se formou em Medicina. Enveredou pela Anestesia tendo sido um dos primeiros assistentes de Anestesia em Portugal e contribuindo activamente para a imposição da afirmação e independência desta especialidade.

Colecionador nato, desde cedo se interessou pela História da Medicina e da Anestesia em particular, tendo recolhido ao longo da vida uma coleção ímpar de instrumentos, documentos e livros, e tendo criado em 1996 o Museu Português de Anestesiologia Dr. Avelino Espinheira.

Com a sua morte e após vários anos de tentativas goradas, a família teve agora a possibilidade de integrar este espólio único no Museu da Saúde, acreditando que será devidamente preservado e divulgado de forma profissional à Comunidade Científica e a toda a Sociedade.

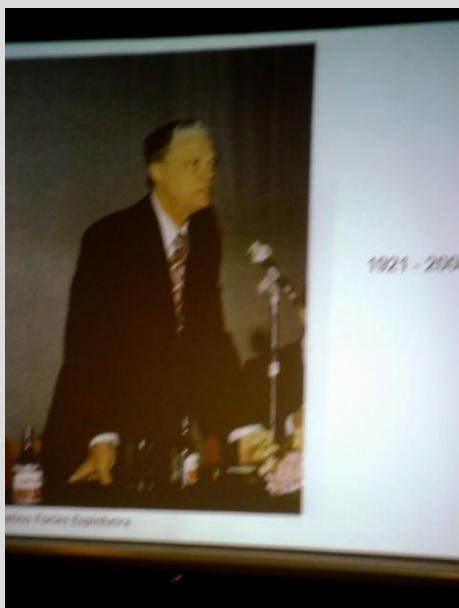


NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

“HOMENAGEM AO DR. ESPINHEIRA”

Luís Pina



É desenvolvido o tema do privilégio que foi privar com o Dr. Espinheira como familiar, amigo e profissional.

Alguns apontamentos da sua vida familiar, nomeadamente nas suas quintas de Galamares e da Galiza onde gostava de juntar toda a sua família.

Como amigo foram realçadas as suas características mais evidenciadas da sua personalidade: Lealdade, liderança, simplicidade.

Como profissional foram referidas as suas qualidades técnicas, o seu dinamismo e a sua criatividade intuitiva, assim como a índole colecionadora que levaram à formação do Museu de Anestesia.

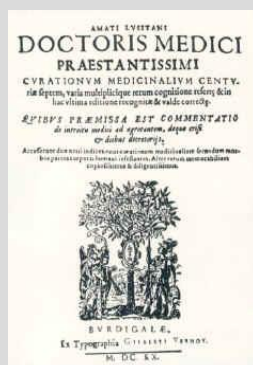
Foram abordadas as varias tentativas de encaminhamento do museu após o falecimento do Dr. Espinheira, assim como a intervenção providencial do Museu da Saúde como entidade salvadora do acervo.

Por último, foi feita uma referência à última etapa da vida do Dr. Espinheira como causadora de grande consternação a toda a família.



“SINAL PUPILAR DE AMATO LUSITANO (1560)”

Alfredo Rasteiro



«Com os dois olhos fechados, se comprimir o olho com catarata e o abrir de repente em frente à luz e a pupila permanecer dilatada, não recupera a visão » (Amato Lusitano: Quinta Centúria, 77^a, 1560).

«Os sinais da pupilla são como todos os sinais. O seu valor resulta da sua colheita rigorosa e da capacidade de quem os interpreta». Já era assim em 1900 com Hygino de Sousa (1862-1904) em «A Iris», 1900, p. 196, depois dos «Movimentos pupilares (Post-mortem e intravitam)» que José Thomaz de Sousa Martins (1843-1897) publicou na «Revista de Neurologia e Psiquiatria», 1888, assunto que Egas Moniz (1874-1955) retomou em 8 de Janeiro de 1946 n'«As pupilas dos mortos reagem à luz. Um artigo de Sousa Martins», Jornal da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, 1946, 110, 1, 55-137, reacção provável à primeira Queratoplastia que Henrique Moutinho (1907-1980) e Fernando Alves (1911-1981) realizaram em Lisboa, em 1 de Novembro de 1945, de que deram conta em «Primeiros resultados de queratoplastias em Portugal», no Boletim da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia, 1946-47, 5, 191.

A observação sistemática da reacção pupilar à luz, reflexo foto-motor, será introduzida na prática clínica por Robert Marcus Gunn (1850-1909) em 27 de Julho de 1904 e, desde então, o Sinal de Marcus Gunn é valorizado por Internistas, Neurologistas e Oftalmologistas.



Em 1990, Luc Missotten encontrou uma descrição prévia do «Sinal de Gunn» no «Nouveau Traité des Maladies des Yeux», 1722 de **Charles de Saint-Yves** (1667 – 1731), p. 339: -«*en fermant l'oeil sain, on remarque que la prunelle de celui qui est malade se dilate, quoiqu'expose à la lumière...*» e, em defesa de intemporais «Direitos de Autor» propôs que, a este Sinal, fosse atribuída a designação de «**Le signe pupillaire de Saint-Yves**» (Luc Missotten: «Le signe pupillaire de Saint-Yves», «L'Ophtalmologie des Origines a nos Jours», 6, 1990, pp, 93-94).

Porém, antes de Gunn (1904), e antes de Saint-Yves (1722), a valorização prognóstica da reacção pupilar à luz, antes da cirurgia da catarata, já fora proposta em 1560, por Amato Lusitano, na «Quinta Centúria», Memória 77ª (Alfredo Rasteiro: «*Amato, Montalto e a Arte dos Olhos nos séculos XVI e XVII*», Medicina na Beira Interior da Pré História ao Século XX, nº 8, 1994, pp. 5-10; «*Medicina Judaica lusitana. Século XVI*», p. 146, Quarteto, 2000).

Depois de tratar, por meios médicos, eventuais alterações palpebrais, conjuntivais, e da Córnea, Amato iniciava o estudo funcional do órgão da Visão e pesquisava as reacções da Pupila à deslocação da chama de uma vela.

Em olhos com cataratas, «*fechados os olhos, comprimia um e, de repente, expunha-o à luz concluindo que, se a pupila permanecesse dilatada, esse olho não recuperava a visão depois de submetido à Operação da Catarata*» (Sinal de Amato Lusitano, 1560)

-«*... item, percipitur suffusio apta operæ manuali, quoties clauso altero oculo, alter digito compressus, & repente apertus, iu ço suffusio dilatatur, sed non diuiditur, quod so oculo compresso, confestim aperto, suffusis in partes diuiditur, separetur, tunc imperfecta, curationem per acum non recipit , ... (Amati Lusitani Curationvm Medicinalivm Centvria Qvinta, Curatio septuagesima septima, in qua agitur, de viso diminuito, & corrupto, simulq; scotomia, ob suffusionem, & crassem nebulam, in altero oculorum aparentem», Venetiis, MDLX, 1560).*

Assim, em termos de prioridades e Direitos de Autor, antes de Saint-Yves e de Marcus Gunn, o «**Sinal de Amato Lusitano**» (1560) continua a marcar a Neurooftalmologia e o Exame Oftalmológico; evoluiu com a sofisticação da agulha (*curationem per acum*), a autorização esclarecida e o consentimento informado (*recipit*).



**“A DOR NA PRÁTICA MÉDICA. AMATO LUSITANO:
INSENSIBILIDADE, REALISMO OU PREOCUPAÇÃO?”**

António Lourenço Marques

A comunicação abordou o problema da dor provocada pela cirurgia, antes da proteção que a descoberta da anestesia alcançou, com enorme sucesso, a partir do ano de 1846. Quando lemos, por exemplo, as Sete Centúrias de Curas Mediciniais, escritas ainda tão longe (três séculos!) desse acontecimento fundamental da história da medicina, admiramo-nos por não existirem aí referências ao horror da dor cirúrgica. Ora, a cirurgia é abordada, nesta obra de Amato Lusitano, em pouco mais de duas dezenas de situações clínicas, entre as várias centenas que o médico registou na monumental obra. Tal escassez de casos, na sua clínica extensíssima, revela quanto a resposta cirúrgica continuava a ser limitada. De facto, a dor e o sofrimento, provocados pela cirurgia (além de outros obstáculos bem conhecidos), travaram, quase em absoluto, os avanços de uma arma tão poderosa da medicina, durante muito tempo. Nesta obra do século XVI, do ponto de vista da cirurgia, encontram-se alguns casos de ferimentos e outros de tumorações externas. Não há referência, por exemplo, a nenhuma amputação de membro gangrenado, que era outra das indicações cirúrgicas na época.

Após uma revisão da cirurgia e da história do combate à dor, desde os primeiros tempos até ao século XVI, a comunicação analisou o texto das Centúrias de Curas Mediciniais, de Amato Lusitano, com o foco nos casos cirúrgicos. Assim, constatou-se que o médico faz silêncio sobre a dor causada pela cirurgia, aparentemente compreendendo o ato de recusa da cirurgia pelos doentes, mas assegurando, apesar disso, outros tratamentos (casos de cancro). Já quanto à dor das doenças ou das lesões, propriamente ditas, o médico preocupava-se e era ativo. Amato Lusitano, face a essa dor, dava-lhe prioridade e tratava-a. É particularmente notável o texto da Quinta Centúria, dedicada a José Naci, onde diz na cura XII¹: “Primeiramente, o médico deve abrandar a dor com todo o empenho possível”. E inspirando-se nos autores clássicos, ao interpretar uma passagem de Avicena, na mesma cura, é perentório: “Devemos antes de mais nada, aplacar a dor”. E diz ainda: “A dor algumas vezes é tão premente que somos obrigados a recorrer aos narcóticos”. Ou: “nos casos de dores fortíssimas, não encontramos melhor remédio do que evacuar até à perda dos sentidos”¹.

O título deste trabalho talvez merecesse ser antes assim: “Amato Lusitano e a dor: o médico no caminho certo e a cirurgia que aguarda”.

¹ Amato Lusitano, *Centúrias de Curas Mediciniais*, Volume II, Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos, 2010, p. 133.



“AS MULHERES EM BUSCA DE EDUCAÇÃO MÉDICA EM TODO O MUNDO”

Anabela Leitão

Um século depois do considerado ‘manifesto feminista’ da escritora inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797), que além de filósofa e escritora foi também sufragista, e que deixou inúmeras novelas, contos, ensaios e que ironicamente viria a falecer de sepsis na sequência do parto da sua última filha e que conseguiu na altura, segunda metade do séc. XVIII, ser escritora profissional e ter uma vida independente, ter escrito essa obra inaugural “Vindication of the rights of woman”, um século depois, as sufragistas inglesas endureceram o seu combate pela igualdade, embora inicialmente tivesse sido um movimento pacífico, mas que sem atingir qualquer objectivo, passou a actos de insubordinação social pagos com agressões e prisão. Esse movimento duraria até ao início do séc. XX.

Encrustado nesse movimento por direitos laborais e cívicos, desenvolveu-se também o movimento pelo acesso à instrução e em particular pela instrução diferenciada, de nível superior, com acesso às Universidades. Na segunda metade do século XIX, as mulheres de alguns países da Europa e dos Estados Unidos começaram a entrar nas Escolas Médicas. As pioneiras como Elizabeth Blackwell (inglesa), Mary Zakrzewska (alemã), Sophie Jex Blake (escocesa) rumaram aos Estados Unidos onde as condições eram, à data, mais favoráveis às mulheres, para prosseguir os estudos. Mas as dificuldades repetiram-se. Houve um revés nesta evolução e as mesmas Universidades que anunciaram a abertura, rapidamente recuaram e voltaram a proibir a entrada de mulheres. Como explica Thomas Neville Bonner, no seu livro *To the ends of the earth*, as primeiras Universidades que se abriram às mulheres quer nos EUA, Rússia e Inglaterra recuaram passado pouco tempo e o recurso para as que já tinham iniciado os seus estudos foi por-se a caminho de Universidades como Zurique, Paris e Genebra.

Em Inglaterra e nos Estados Unidos, o recurso foi criar Universidades específicas e exclusivas para mulheres onde, não raramente, só mulheres ensinavam, mas que, no entanto, ofereciam curriculuns mais curtos em duração e nem sempre garantiam a frequência de internatos. Optaram por se dedicar, nas clínicas ou hospitais por si próprias criados, à ginecologia e obstetria e às doenças das crianças. Descontentes com estas limitações, a partir dos anos sessenta do século XIX, iniciaram um movimento em direcção a Universidades europeias como as de Zurique, Genebra, Berna e de seguida Paris, onde a entrada de mulheres nos cursos de Medicina ocorria em plena igualdade com os colegas homens, com os mesmos cinco anos de estudos e um exame final com Dissertação.

Zurique, cidade com cerca de 350.000 habitantes estava em processo de modernização. Dissidentes políticos e refugiados, escapando da repressão que na Alemanha se seguiu à



revolução de 1848, entre os quais um largo número de professores que abandonaram a atmosfera repressiva e restritiva do conhecimento das Universidades alemãs, criaram um ambiente intelectual e académico que favoreceu a entrada das mulheres nos cursos de Medicina. No início de 1860 mais de 60 mulheres já frequentavam cursos em S. Petersburgo na Academia Médico-Cirúrgica. Isto aconteceu no início do regime do czar Alexandre II (1855-1881).

Mas em resposta a este progresso e a estas ideias, irrompeu um movimento radical contrário a esta tendência e a consequência foi a expulsão destas mulheres da Universidade. Entre elas, estava Nadezhda Suslova. Suslova, inspirada pela sua conterrânea Maria Kniazhnina, que conseguiu autorização para assistir às aulas de Anatomia e Microscopia e mais tarde autorização para se matricular, foi encontrar em Zurique a atmosfera de liberdade que não havia na sua terra natal. Oriunda de Novgorod, de uma família pobre que se deslocou para S. Petersburgo porque queria proporcionar às filhas uma boa educação, cedo foi catapultada para o movimento de emancipação das mulheres. Foi “assistente” das melhores professoras de São Petersburgo. Activista na secção revolucionária “Terra e Liberdade”, com a ajuda do compreensivo Fisiologista Ivan Setchenov teve a permissão de estudar como assistente na Academia Médico-Cirúrgica, mas os estudos viriam a ser interrompidos pela medida governamental de banir as mulheres de estudos superiores. Foi nessa altura que decidiu ir para Zurique onde vivia um número considerável de estudantes russos bem como outros emigrantes russos activistas de movimentos políticos radicais.

Suslova foi a primeira mulher a concluir a licenciatura em Medicina pela Universidade de Zurique e a defender uma tese sobre o sistema linfático. Muitas outras russas e europeias de leste lhe seguiram o exemplo. As mulheres pioneiras de Inglaterra e Estados Unidos, encorajadas pelo exemplo das russas, atravessaram o Oceano para obter um diploma em Medicina, em plena igualdade com os seus colegas homens. Algumas, alcançaram essa glória em Zurique, Berna, Genebra e outras, como a inglesa Elizabeth Garrett ou a americana Mary Putnam, conseguiriam o mesmo feito na Universidade de Paris, onde a primeira francesa, Madelène Brés, só depois delas o viria a conseguir em virtude dos sucessivos obstáculos que reitor e professores lhe colocaram.

Graças à corrente de solidariedade que entre elas estabeleceram, que além da correspondência envolveu em alguns casos o empréstimo de dinheiro, estas pioneiras trocaram informações acerca do ambiente que existia nas várias Universidades relativamente à presença feminina. Foi o incentivo e o aconselhamento mútuos sobre o melhor rumo a seguir para completar a formação, iniciar a carreira médica, prosseguir a actividade e especialização, que lhes permitiu chegar mais e mais longe na longa estrada que tiveram de percorrer até à igualdade plena.



O “MAL DE LOANDA” OU ESCORBUTO NO TRÁFICO TRANSATLÂNTICO DE ESCRAVOS”

J. A. David de Morais



O escorbuto, a “doença crua e feia” de que, a propósito dos Descobrimentos, falava Luís de Camões em “*Os Lusíadas*”, passou a designar-se também, em Quinhentos, por “mal de Loanda” após a fixação dos portugueses em São Paulo da Assunção de Luanda, onde a penúria de alimentos vegetais frescos determinava, com grande frequência, o aparecimento daquela avitaminose. Outrossim, com o tráfico de escravos, a acuidade daquela enfermidade passou a ser motivo de frequentes referências pelos cronistas coetâneos.

Relativamente à escravatura transatlântica, importa reescrever a historiografia do escorbuto (historiografia essa não raramente inquinada de apriorísticos posicionamentos ideológicos), mas essa reescrita deverá fazer-se à luz da interdisciplinaridade – numa abordagem integrada e holística –, convocando, outrossim, a até agora olvidada contribuição médico-antropológica, que, por exemplo, ajuda a esclarecer a prevalência do escorbuto face à alimentação à base de farinha de mandioca e ao stress extremo a que eram sujeitos os escravos, o que interfere no metabolismo da vitamina C.

Demais, as condições de trabalho e de alimentação eram muito diferentes nos dois principais destinos dos escravos. Nas então chamadas “minas do Peru”, domínio dos espanhóis (hoje territórios do Peru e da Bolívia – neste último país se situava a tristemente célebre mina de prata de Potosi), a escassa e má alimentação, as intoxicações pelos minérios explorados, as parasitoses, etc., levaram a que a mortalidade dos escravos fosse ali quase total, o que se traduz, hoje em dia, na inexistência de populações negras naqueles territórios. Em contrapartida, as condições alimentares bem mais favoráveis no Brasil, permitiram uma sobrevivência importante de escravos, traduzindo-se, nos censos populacionais actuais, na existência de 6,2% de indivíduos negros e 39,1% de “mulatos”.



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

" RAINER MARIE RILKE - A DOR E A MORTE SOB O SIGNO DO ABERTO "

Maria do Sameiro Barroso



Rainer Maria Rilke
(1875-1926)

Rainer Marie Rilke (1875-1926), muitas vezes considerado o poeta da morte, mas que é também o poeta da vida, na sua totalidade, vivida na sua intensidade extrema, impressionou-me profundamente, quando o li, pela primeira vez, aos dezanove anos, quando era aluna da Faculdade de Letras e, mais tarde, quando me dediquei à introdução dos Cuidados Paliativos, ao nível dos Cuidados Primários, no Centro de Saúde de Sesimbra. Nesta altura, perturbava-me, particularmente, o facto de Rilke ter recusado os opiácios, para alívio das dores intensas que o atormentavam, na fase terminal de uma leucémia mieloblástica aguda, diagnosticada pouco antes da sua morte, a 29 de Dezembro de 1926.

A aceitação da vida e do seu reverso, expresso nos binómios que ligam o celeste e o terreno, o bom e o mau, o finito e o infinito, o sublime e o grotesco, e reúnem a vida e a morte numa visão apaziguadora, liberta de toda a retórica criativa e não vinculada a qualquer credo religioso, sempre me pareceu muito próxima dos valores que nos norteiam, quando nos envolvemos com a área dos Cuidados Paliativos.

Reconstituir o percurso desta figura estranha e despojada, regida apenas pela sua intensidade e grandeza, entre tudo o que é e não é, porque tudo o transcende, sob o signo do Aberto, até à aceitação incondicional do seu sofrimento e à doçura inefável contida no último poema, é o objectivo desta conferência. Reconstituir esta figura é construirmo-nos (ou tentarmos construir) também como seres se não completos, pelo menos abertos ao despojamento, ao Ser, ao inefável e à totalidade do mundo.



Último poema

Vem, última dor que sei sem cura,
engendrada no corpo:
vê, como ardia no espírito, ardo
em ti; muito resistiu a madeira dura
para se ajustar à chama que ateias,
eis que agora me nutro e ardo em ti.
O meu brando ser no teu horror se eiva,
no horror de um inferno que não é daqui.
Purificado, de planos e do porvir liberto,
subi à fogueira obscura do sofrimento,
de não comprar qualquer futuro, estou certo,
neste coração onde minguou o sustento.
Sou eu ainda, o irreconhecível que perece?
Não levo recordações, agora.
Ó vida, vida: estar lá fora.
E eu em chamas. Ninguém me conhece.

Tradução: Maria do Sameiro Barroso